

“RELAÇÕES CABO VERDE-CHINA”

Autora: Lara Liza Lopes da Silva¹

Orientadora: Sandra Aparecida Cardozo²

Resumo: No decorrer dos seus 43 anos como país independente, Cabo Verde tem estabelecido relações e acordos com diversos países e ganhando cada vez mais espaço no Sistema Internacional. Ao longo desses anos, a relação entre o país e a China tem se tornado cada vez mais estreita e o Governo de Cabo Verde tem dado uma atenção especial ao país asiático devido aos diversos apoios que tem recebido do mesmo. Porém, nem todas as consequências dessa relação podem ser contadas como vantajosas. Nesse sentido, o objetivo geral do presente artigo se baseia num estudo sobre a relação de Cabo Verde - China e os impactos no setor de serviços com abertura de estabelecimentos comerciais em Cabo Verde pelos chineses e o que isso gere nos Direitos Humanos, questões trabalhistas e economia.

Palavras-chave: Política externa, Cabo Verde, África, China, Impactos.

Abstract: In the course of its 43 years as an independent country, Cape Verde has established relations and agreements with several countries and getting more and more space in the International System. Over the years, the relationship between Cape Verde and China has increasing and the Government of Cape Verde has given special attentions to China due to several support received from them. But not all the consequences of this relationship can be taken as advantageous. In this sense, the general objective of the present article is based on a study on the relation of Cape Verde - China and the impacts on the service sector with opening of commercial establishments in Cape Verde by the Chinese and what this generates in Human Rights, labor issues and economy.

Key-words: Foreign Policy, Cape Verde, Africa, China, Impacts.

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia.

² Professora e Coordenadora do Curso de Relações Internacionais na Universidade Federal de Uberlândia e doutora em Ciência Política pela UNICAMP.

INTRODUÇÃO

Cabo Verde é um país arquipelágico, de sistema político parlamentarista, constituído por dez ilhas, que fica na costa ocidental da África e o país mais próximo é o Senegal. Foi descoberto pelos portugueses em 1460, foi colonizado pelos mesmos e em 1975, numa luta conjunta com a Guiné-Bissau, se tornou independente, tendo como principal combatente o Amílcar Cabral, uma figura muito importante para a história dos dois países, Guiné e Cabo Verde (DADOS..., 2007).

Cabo Verde serviu durante o período colonial de entreposto entre a Europa (Portugal), África e as Américas e atraiu e atrai até os dias atuais, atenção pela sua posição geográfica estratégica, principalmente das principais potências mundiais, como os Estados Unidos, a União Europeia e a China. O país carece de recursos naturais, tendo como maior riqueza natural, o território marítimo e o turismo, que constam também como as principais fontes de economia. Considerado um país em desenvolvimento, estável política e socialmente, e modelo de política e democracia na África, Cabo Verde, assim como outros países na mesma situação, precisa de parceiros e cooperações (DADOS..., 2007).

Em conformidade com os autores abaixo referidos, o enaltecimento do arquipélago desencadeia-se, na sua maioria, a conjuntura do comércio externo entre os diferentes continentes, principalmente Europa, África e as Américas (DELGADO; VARELA; COSTA, 2014).

E nesse contexto, nessa busca por cooperação e relações amplas, a China se tornou num dos principais parceiros de Cabo Verde. Nessas relações há um aumento na dependência de Cabo Verde por donativos e empréstimos concessionais da China, como o empréstimo de 13 milhões de dólares da China para Cabo Verde feito entre o Governo de Cabo Verde e o Banco de Importações e Exportações da China (Eximbank) em maio de 2009 (CABO..., 2009).

A China, por sua vez, considerada a segunda maior potência econômica mundial, tem feito sua expansão em vários territórios africanos, incluindo Cabo Verde, que é um dos pontos a serem discutidos no presente trabalho. O país asiático, é um dos maiores exportadores do mundo, desde bens primários a bens finais e importador de matérias-primas,

que poderá constar como um dos motivos de sua expansão no continente africano além dos recursos primários e energéticos presentes no continente africano.(RIBEIRO, 2010)

A China, inclusive, tem feito várias parcerias com Cabo Verde, quer com ajuda monetária, cooperações, quer com infra-estruturas ou remodelação de edifícios estatais. Cabo Verde faz parte do CADFUND (China-Africa Development Fund), que consiste num dos principais meios para o impulsionamento de investimento chinês em África, com investimentos já realizados em 84 projetos em 36 países africanos, num valor aproximadamente 3.2 bilhões de USD (ALMEIDA, 2018).

A relação entre Cabo Verde e China estende-se há aproximadamente 45 anos e desde então a China tem realizado várias obras e feito muitas cooperações com o Governo de Cabo Verde (O MAIOR..., 2015).

Pretende-se entender com o presente artigo como as relações Cabo Verde-China impactam na economia e nas condições de trabalho da população africana e cabo-verdiana, especificamente. Já em relação aos Direitos Trabalhistas, o principal problema que possivelmente o país tem enfrentado, no caso específico dos cabo-verdianos, que são funcionários das lojas chinesas, é o não cumprimento do salário mínimo e o não pagamento equivalente às horas extras prestadas e atitudes discriminatórias na contratação.

Temos como hipótese que a crescente presença da China em Cabo Verde reflete um dos principais eixos da Política Externa cabo-verdiana. Mas percebe-se que essa presença chinesa, estratégica nas relações bilaterais, impactam nas condições de trabalho dos cidadãos cabo-verdianos que ofertam força de trabalho para empresas chinesas e afetam condições dos Direitos Humanos. A metodologia usada foi o método qualitativo dedutivo, com pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, no qual foi recolhido dados a partir de entrevistas com personalidades importantes para o enriquecimento do artigo e da argumentação.

Nota-se uma completa interação de Cabo Verde nessa relação com a China a ponto do Governo mantê-la como um dos principais eixos da Política Externa.

Dentre as ajudas que a China oferece a Cabo Verde estão: construção de barragens, hotéis, empresas do governo (Banco de Cabo Verde), remodelação de edifícios estatais (Assembleia Nacional), instalação de câmeras de vigilância nas ruas, entre outras coisas (OBRAS..., 2016).

Sendo assim, na primeira seção será mostrado um pouco da Política Externa de Cabo Verde e seus principais parceiros econômicos, principalmente na questão da exportação

e importação. Já na segunda seção será indicado sobre a presença chinesa na África de uma forma mais geral e quais os possíveis interesses da China no continente. A terceira seção falará já de uma forma mais específica a relação entre Cabo Verde e China, quais as cooperações e acordos que existem entre os dois países. E por fim, na quarta seção que está dividida em duas sub-seções, será apresentado primeiramente em que aspectos essa relação afeta o continente africano, e como afeta os Direitos Humanos, condições de trabalho e a economia de Cabo Verde.

1 A Política Externa de Cabo Verde

A Política Externa de Cabo Verde se baseia nas relações de acordos multi e unilaterais que o país estabelece com outros países. Por ser um país em desenvolvimento, com escassez de recursos naturais, sem produção agrícola e industrial suficientes para suprir as necessidades da população, Cabo Verde precisa, nesse sentido, muito de ajudas externas (DELGADO; VARELA; COSTA, 2014).

A Diplomacia Política e a Pública caracterizam-se como as dimensões mais consistentes e proficientes da Política Externa cabo-verdiana, falando em termos comparativos. Cabo Verde projeta-se dotado de um perfil específico, definindo-se como uma valiosa plataforma de articulações entre a Europa e a África, pois pertence às duas áreas, sendo o exemplo mais perfeito de integração cultural, terra onde os valores europeus se implantaram com harmonia, consistência e padrão do modelo político democrático (DELGADO; VARELA; COSTA, 2014).

Cabo Verde hoje faz parte de Organizações Internacionais de caráter geral como a Organização das Nações Unidas (ONU), instituições especializadas como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), organizações de concertação político-diplomática, de cooperação nos domínios social, cultural, econômico, promoção e difusão da língua portuguesa como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), organizações regionais como a União Africana (UA) e sub-regional como a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), também em organizações internacionais financeiras e econômicas internacionais como Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM) e Organização Mundial do Comércio (OMC) (MADEIRA, 2017).

A Balança Comercial de Cabo Verde sempre esteve deficitária, pois o país importa mais do que exporta. Estudos recentes mostram que o déficit da Balança Comercial de Cabo Verde aumentou em 20% de 2017 para 2018. No momento, apesar da China e dos Estados Unidos estarem entre os maiores parceiros de Cabo Verde, ainda a União Europeia consta como o principal destino de exportação e importação de Cabo Verde, absorvendo um total de 96% das exportações do país (DÉFICE..., 2018).

De acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas (INE), o total das exportações no ano de 2017 deram um total de 4.893 mil contos (4,44 milhões de euros), o qual teve um decréscimo de 80 mil contos (981,8 mil euros) em relação ao ano anterior, por sua vez as importações do mesmo ano em questão, totalizaram um valor de 10.822 mil contos (98.38 milhões de euros). Ainda sobre o ano de 2017, a Espanha consta como o principal país da Europa para o qual Cabo Verde mantém relações comerciais, com 70,8% do total das exportações, em segundo lugar temos Portugal com 24,8%, com um aumento de 5,6% em relação ao ano de 2016 (DÉFICE..., 2018).

Cabo Verde é muito fraco em recursos naturais e não é forte industrialmente, mesmo assim dentre os produtos que o país produz e que vão para a exportação estão: preparados e conservas de peixes como atum, cavala e sardinha, sendo o principal produto exportado com 54,5%; ainda temos peixes, crustáceos e moluscos, apesar de ter uma queda -18,3%, ocupam o segundo lugar e por último temos vestuários com 13%. Os referidos produtos totalizaram cerca de 87,4% o total das exportações de Cabo Verde no ano de 2017 (DÉFICE..., 2018).

Todavia, em relação à importação, houve uma evolução em relação ao ano de 2016. Como principais produtos importados pelo país no ano de 2017, temos os bens de consumo num total de 42,6%, apesar de ter uma queda de 2,8% no ano anterior. A Europa também é o principal fornecedor de Cabo Verde com um total de 78,8% das importações, em seguida temos Ásia/Oceânia com 10%, América com 5,4%, África com 4% e o resto do mundo com 1,8%. Da Europa, Portugal consta como o maior fornecedor de Cabo Verde com 42,9%, em seguida temos a Espanha com 12,6% e a Itália com 6,1% (DÉFICE..., 2018).

Em Cabo Verde passam milhares de barcos e aviões, o que consiste numa oportunidade de negócio gigantesca, com estabilidade política e social, uma população jovem e uma atração fiscal excelente. O país faz parte da OCDE (Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Econômico), com aproximadamente 340 milhões de pessoas, 15 Estados e

livre circulação de mercadorias, pessoas e bens, e, qualquer empresa que opera em Cabo Verde e que se estabeleça no país terá acesso a esse mercado, que soma a parceria especial com a União Europeia, Estados Unidos e os países de língua oficial portuguesa (DÉFICE..., 2018).

Como consequência do pragmatismo desenvolvimentista e da atração ideológica, identitária e cultural, pelos quais os grandes espaços geográficos internacionais responsabilizam às nações que ocupam uma posição subalterna e periférica no sistema-mundo contemporâneo, Cabo Verde tem iniciado um investimento político notável nas instituições políticas multilaterais (de vocação regional, continental ou universal) como *locus* de representação, enunciado e reivindicação dos seus interesses estratégicos e de alocação de recursos para implementação da sua estratégia/agenda global de desenvolvimento, mobilizando, com recurso a fundamentos históricos, políticos, culturais, geopolíticos, estratégicos e até identitários, a retórica da vulnerabilidade, da singularidade e da sua especificidade no concerto das nações (DELGADO; VARELA; COSTA, 2014).

2 A presença da China na África

A explicação mais comum e prevalente para o aumento da diplomacia chinesa na África é a busca incansável por energia e recursos naturais. Portanto, as intensas atividades diplomáticas da China na África, é muitas vezes chamado de "diplomacia energética" ou mesmo "diplomacia do petróleo". A China tem a economia em desenvolvimento mais rápida do mundo, com um crescimento anual médio de 9,8% entre 1979 e 2012. Como a segunda maior economia do mundo, a China já é um poder crescente (WANG; ZOU, 2014).

A demanda chinesa por petróleo tem sido tão rápida que se tornou importadora de energia em vez de exportadora líquida em 1993 e segunda maior importadora de petróleo do mundo depois dos EUA em 2004. A dependência da China em petróleo estrangeiro supera 55% e sua per capita provada recuperável as reservas de petróleo e gás são de apenas 7,7% e 7,1% do nível médio mundial, respectivamente. Os analistas chineses nunca negam a urgência da China garantir novas fontes de energia e outras matérias-primas. Na verdade, eles acham que é uma razão legítima para a China ser diplomaticamente pró-ativa em regiões ricas em recursos naturais. Assim, já na década de 1990, a África foi integrada à estratégia energética da China, o país começou a importar petróleo da África em 1992, e a quantidade aumentou de

500.000 toneladas naquele ano para 708,5 milhões de toneladas em 2010. A China importa cerca de terço do seu petróleo da África (WANG; ZOU, 2014).

Além do petróleo e gás natural, a China também precisa de outros recursos naturais, como madeira e matérias-primas como cobre, níquel, bauxita e outros que são abundantes na África. De acordo com conservacionistas e algumas estatísticas bastante convincentes, a China é importador de vastas quantidades de madeira e de madeira industrial, usadas em construção, fabricação de móveis e fábricas de celulose, mais do que triplicaram desde 1993. Também por causa da demanda de desenvolvimento econômico, a China investiu US \$ 170 milhões em minas de cobre na Zâmbia, também investiu em minas de cobalto e cobre na República Democrática do Congo, minas de titânio no Quênia e assim por diante. Além disso, com um aumento projetado na população, a perda de terras agrícolas vitais para a indústria e aumentando o consumo entre as pessoas urbanizadas, Pequim percebe a necessidade de obter fontes estáveis de alimentos essenciais. Uma solução para esse problema é o atacado adoção de culturas geneticamente modificadas e investimento na agricultura, pescas e instalações de produção secundária relacionadas na África (WANG; ZOU, 2014).

A China também precisa da África como mercados amplamente inexplorados para seus excedentes de bens e capitais. Como afirmou o analista de comércio chinês Alden, "os produtos chineses são adequados para o mercado africano". No momento, a China está em condições de fabricar produtos básicos a preços muito baixos e de qualidade satisfatória". Além de ser rica em recursos naturais e matérias-primas, a África também é um enorme mercado potencial para produtos chineses. O comércio entre a África e a China vem crescendo dramaticamente, tendo passado de US \$ 10,6 bilhões em 2000 para US \$ 166,3 bilhões em 2011(WANG; ZOU, 2014).

A República Popular da China não é um recém-chegado na África. Devido a sua ambiciosa agenda de promover a revolução mundial e sua pragmática e muitas vezes desesperada necessidade de reconhecimento internacional, considerada crucial para a sobrevivência do regime, Pequim foi para a África durante a Era Mao (1949-1976) com grande ajuda financeira e militar, o que rendeu uma recompensa política considerável, fez avanços culminando em sua adesão às Nações Unidas em 1972, com apoio significativo de países africanos. Os empreendimentos da China na África também foram um componente importante do esforço de Pequim de isolar Taiwan, seu oponente político. Após décadas de uma guerra diplomática, Pequim conseguiu persuadir a maioria dos países africanos a mudar

seu reconhecimento diplomático de Taipei para Pequim, embora hoje Taiwan ainda mantenha uma presença não oficial, mas forte, em toda a África (WANG; ELLIOT, 2014).

No entanto, a China indo para a África nos anos 1950-1970 foi quase totalmente a favor da aquisição e, portanto, era financeiramente caro, conveniente e insustentável. Quando Pequim começou a negociar seus objetivos de revolução mundial para os laços econômicos com o Ocidente, as atividades chinesas na África foram reduzidas e até destruídas. A presença maoísta na África, politicamente motivada e estritamente focada, deixou, no entanto, um legado tangível como o Tazara (Ferrovia Tanzânia- Zâmbia) e o louvado serviço das equipes médicas chinesas gerando crédito e bons sentimentos. Em 1980, o comércio sino-africano era de apenas 1 bilhão de dólares. Somente na década de 1990 a própria reforma econômica capitalista da China levou à crescente necessidade de novos mercados para suas exportações, especialmente quando a relação comercial com seu principal mercado, os Estados Unidos, permaneceu restrita e instável devido à revisão anual do Congresso dos EUA sobre o status comercial sino-americano após 1989. Além disso, o setor industrial em expansão da China desenvolveu demandas insaciáveis por matérias-primas e energia que a África poderia fornecer em abundância. Portanto, principalmente para lucro e recursos, a China voltou à África com grandes encomendas, investimentos e exportações (WANG; ELLIOT, 2014).

A China há mais de vinte anos tem se tornado numa força econômica, desde que incorporou-se à Organização Mundial do Comércio em 2001, aumentando assim sua oferta mundial no campo das manufaturas, que teve como consequência um *boom* no mercado de *commodities* e acumulando aproximadamente 2,2 trilhões de dólares em reservas. A China tem emergido como uma das nações que mais cresce no mundo desde a década de 80. O país lidera a produção de milhares de mercadorias atualmente e sua liderança vem aumentando cada vez mais para uma produção cada vez mais diversificada e com alto teor tecnológico (RIBEIRO, 2010).

Com relação ao debate que tem a ver com a dependência da China das exportações, principalmente o período após a crise financeira dos Estados Unidos de 2007, o crescimento do mercado interno chinês tem aumentado, o que está intimamente relacionado ao *boom* da indústria pesada, o que tem ampliando a forma com a qual a China se relaciona com o resto do mundo, especificamente com os países em desenvolvimento (RIBEIRO, 2010).

Se antes a China se estabelecia como um exportador de manufaturas para economias centrais, como Estados Unidos e Europa, o país passou depois a expandir-se mundialmente, abrindo o seu mercado de investimentos diretos externos com o estabelecimento de filiais de firmas domésticas, principalmente em países em desenvolvimento. Essa expansão está intimamente ligada a necessidades internas, com relação a uma base produtiva específica sobre a qual a trajetória de desenvolvimento da China veio se moldando ao longo dos tempos (RIBEIRO, 2010).

A dimensão populacional, a falta de terras cultiváveis e a baixa oferta de recursos energéticos, tem se tornado num grande desafio para a continuidade do desenvolvimento chinês, com relação à necessidade de suprir a oferta de matérias-primas e energia (RIBEIRO, 2010).

Com uma taxa de crescimento muito rápida, a China é agora o maior parceiro comercial da África, exportando para basicamente todos os 54 países africanos, sem nenhuma dependência clara de qualquer mercado, países como Angola, Líbia, África do Sul e Sudão, fornecem mais de 71% das importações da China na África. Em conjunto com o mercado de outros quatro exportadores, Congo, República Democrática do Congo, Guiné Equatorial e Zâmbia, 84% das importações chinesas da África são petróleo (um terço da importação total de petróleo da China), minérios e madeira. Este é um padrão bastante típico de comércio de fora da África com produtos manufaturados que fluem matérias-primas e energia saindo, uma relação econômica de estilo colonial genuína como denominado pelo governador do Banco Central da Nigéria (WANG; ELLIOT, 2014).

A China, assim como toda potência mundial e país industrializado, tem procurado aumentar seu território de domínio e procurado cada vez mais parceiros. O país usa do *soft power* para assim poder chegar a diversos países da África. A autora Patrícia Ferreira (2010), detalha as 3 fases da relação entre China e África: a primeira foi desde o início das relações diplomáticas da China com o Egito em 1956-70, apoiando os movimentos africanos de libertação e pelos princípios de coexistência pacífica anunciados por Zhou Enlai em 1955 durante a Conferência de Bandung; a segunda fase foi durante os anos 80, década em que a China iniciou um novo curso de reformas econômicas e integração na economia global dando prioridade ao reforço das relações com a Europa e os Estados Unidos, com menor incidência na África; e, por último, a terceira fase data-se desde o final da Guerra Fria e a partir de 1993, período em que a China se torna um importador líquido de petróleo. A partir daí, a relação

entre a China e a África se torna mais estreita dando realce às relações econômicas e suprimento das necessidades de recursos e energia (FERREIRA, 2010).

As declarações oficiais confirmam que a China atribui grande importância à cooperação com a União Africana (UA) e outras organizações regionais em África, ao mesmo tempo que expressam apoio com seus esforços para a integração econômica e a resolução pacífica de conflitos regionais (RIBEIRO, 2010).

O impacto dos vínculos econômicos sino-africanos sobre o desempenho do crescimento africano se destaca por dois motivos principais: em primeiro lugar, partindo de uma base relativamente baixa, a China tornou-se o maior parceiro comercial da África e o maior investidor (país em desenvolvimento) em apenas dois anos. Isso funciona como um choque econômico clássico que deve ter impacto nas taxas de crescimento; em segundo lugar, a abordagem da China em relação aos países africanos difere dos países de alta renda em termos de estrutura comercial e transbordamentos de tecnologia por meio de Investimento Direto Estrangeiro (IDE). Como consequência, poderíamos esperar efeitos econômicos divergentes. Ao mesmo tempo, a China também difere de outras economias em desenvolvimento (ou mercados emergentes), como a Índia ou o Brasil, que se engajam na África (BUSSE; ERDOGAN; MÜHLEN, 2016).

As relações comerciais e de investimento da China com a África são muito mais intensivas do que as de outros países em desenvolvimento. Além de alguns países, por exemplo, na África Oriental, as atividades econômicas dos países em desenvolvimento não chineses simplesmente não são grandes o suficiente para ter o mesmo impacto econômico potencial nos países africanos em nível macro (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Ainda como algumas das parcerias e cooperações entre Cabo Verde e China que existem podemos mencionar cimenteira no concelho de Santa Cruz, contratos de empréstimo para projetos de habitação social, E-GOV II - um projeto de Governação Eletrônica, com instalação da rede local em escolas, instituições públicas e hospitais, o Centro Tecnológico de Cabo Verde, e em julho de 2017, a China assumiu a construção de um novo campus da Universidade de Cabo Verde, que conta com sessenta salas de aulas com capacidade para 4890 estudantes, cinco auditórios, trinta e quatro laboratórios, oito salas de informática, oito salas de leitura, uma biblioteca, refeitórios, um pavilhão desportivo e um espaço multiuso com 654 lugares (MADEIRA, 2017).

3 A presença da China em Cabo Verde

A relação entre Cabo Verde e China data-se de aproximadamente 45 anos, e há quem diga que desde muito antes da independência de Cabo Verde, principalmente durante a fome dos anos 40 que assolou o país matando muitas pessoas. A nova abordagem da China, no entanto, expandiu suas relações com a África de muitas maneiras, incluindo maior cooperação econômica e comercial, intercâmbio cultural e educacional, saúde pública e médica, intercâmbio militar e comunicações não-governamentais (DADOS..., 2007).

A China, sendo o primeiro país após a independência de Cabo Verde a estabelecer uma embaixada no país com sede na cidade da Praia, ilha de Santiago, tem se inserido no território cabo-verdiano e africano em campos que mais chamam atenção da população, como: educação, saúde, construção civil, serviços financeiros, bens de consumo e telecomunicações assumindo assim uma posição de liderança (MADEIRA, 2017).

É fácil entender por que o investimento da China faz sentido em países como Sudão, com sua riqueza em petróleo, ou na África do Sul, com suas reservas de ouro e minerais. Todavia, o que é menos claro são as motivações por trás do interesse chinês no pequeno arquipélago ao largo da costa da África Ocidental, Cabo Verde. Desde que os dois países estabeleceram relações bilaterais em 1976, a China desempenhou um papel significativo no desenvolvimento de Cabo Verde. Hoje, edifícios públicos erigidos por chineses, como os palácios presidencial e governamental, cobrem a paisagem cabo-verdiana. Os cidadãos hoje desfrutam do primeiro estádio nacional de Cabo Verde, construído pela China e saudado pelo então embaixador chinês Su Jian como ‘‘ a maior construção depois da Independência’’ no país insular. Os investimentos chineses em setores econômicos importantes, como imóveis, infraestrutura, indústrias de serviços e turismo criaram uma ilha de estabilidade a apenas 300 milhas da costa da África Ocidental (RAMOS, 2016).

A relação com a China parece crítica para Cabo Verde. Como uma nação pequena, está destinada a se beneficiar dos investimentos chineses. Para a China, no entanto, os benefícios parecem menos claros. Após 37 anos de relações diplomáticas, Cabo Verde provou ser ‘‘um amigo fiel’’, como declarou o ex-embaixador Su Jian. Uma história comum de opressão e uma luta comum pela independência atuam como uma cola obrigatória na solidificação dessa amizade ‘‘fiel’’. Embora Cabo Verde tenha pouco a oferecer no domínio dos recursos naturais, a nação goza de uma importante posição geoestratégica, dando à China

uma influência essencial no coração do Atlântico. À medida que a China começa a procurar novas bases navais em todo o mundo, na esperança de garantir as suas rotas comerciais, a posição geoestratégica de Cabo Verde pode revelar-se de significativo interesse militar. Ao negociar na África, é sempre difícil superar a instabilidade regional. A China não questiona os ditadores enquanto seus regimes se mostraram estáveis. No entanto, ainda há muita instabilidade em alguns países africanos, mas não é o caso de Cabo Verde que possui uma estabilidade política há anos e provou ser um parceiro essencial na visão da China para a África (RAMOS, 2016).

Por mais crucial que Cabo Verde esteja hoje em servir a meta chinesa na África, sua parceria econômica só começou em 1995, quando os comerciantes chineses decidiram investir no arquipélago. Logo depois que os primeiros comerciantes chineses apareceram, um mar de lojas de departamento se seguiu. Hoje estima-se que cerca de 400 lojas chinesas estão localizadas nas ilhas, desfrutando de uma oferta estável de consumidores, e milhares de chineses podem ser encontrados em todo o arquipélago. No entanto, o interesse de Pequim no arquipélago não parece ser impulsionado economicamente, afinal, o comércio entre os dois países continua sendo de US \$ 42,6 milhões. O interesse chinês em Cabo Verde parece ter como objetivo reformular a imagem da República Popular quando se trata de lidar com o mundo em desenvolvimento. Um Estado estável e seguro com uma perspectiva internacional positiva fornece solo fértil na disseminação da cultura chinesa. A Associação de Amizade Cabo Verde-China desempenhou um papel importante na construção desta ponte cultural em todo o arquipélago, realizando continuamente a Semana da Cultura Chinesa anual na esperança de fortalecer a compreensão cultural (RAMOS, 2016).

Numa entrevista concedida pela presidente da Cabo Verde Investimentos, que é um órgão do Governo criado em julho de 2016, cujo objetivo é a diversificação do turismo em Cabo Verde visando a criação de uma ‘nova imagem’, disse que o objetivo da organização é criar um ambiente favorável para negócios, para que assim seja possível atrair investimentos de qualidade, trabalhar na promoção da exportação, capacitar o órgão para ganhar mais eficiência, ser mais eficaz e excelente (ALMEIDA, 2018).

A presidente também disse que o objetivo não é só promover apenas o turismo ‘mar e sol’ de Cabo Verde, mas fazer de Cabo Verde uma plataforma para a África e o Mundo. Ela enfatiza a tão desejada posição geográfica do país e que a partir disso não só será possível atrair grandes negócios, mas também fortalecer os já existentes. Cabo Verde como

membro do Fórum Macau, a relação entre o país e a China é muito importante (ALMEIDA, 2018).

Para que a relação entre Cabo Verde e China se torne mais forte e eficiente, precisa-se criar condições e segundo a presidente do órgão, o país já possui essas condições para receber os investimentos chineses e do sudeste asiático. Como já havia dito, a China é uma parceira especial de Cabo Verde, e com essa criação da plataforma em Cabo Verde, o país fica numa linha econômica onde existem investimentos e fundos que possam também aproveitar a posição geográfica em África e assim entrar. Depois de Macau, Cabo Verde é a segunda maior plataforma para entrar em África, o que torna o país extremamente útil para a China (ALMEIDA, 2018).

Há o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China e Países de Língua Portuguesa, mas ainda não há nenhuma aprovação da organização para qualquer projeto de investimento em Cabo Verde, contudo considera-se esta organização como importante para o país no sentido de promoção de workshops para conhecer melhor o mercado e preparar pessoas e para que assim haja mais integração e conhecimento dos instrumentos e condições que cada país tem (ALMEIDA, 2018).

A China apoia financeiramente várias obras de grandes infraestruturas em países da África, particularmente nesse caso, Cabo Verde. O Fórum de Cooperação China-África (FOCAC), criada em 2000, que teve lugar nos dias 3 e 4 de setembro de 2018, em Pequim, abriu grandes oportunidades de financiamento para os países de África, desde os PALOP, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, que teve sua primeira participação na cimeira, após três anos depois de ter cortado os laços com Taiwan, inclusive a África do Sul. Nessa cimeira reuniram-se chefes de Estado de 53 países africanos. Nessa reunião alguns dos países foram com alguns objetivos traçados, como o caso de Angola que contava com empréstimo de 11 milhões e ainda apoio para a preparação e reequipamento dos quadros das forças armadas do país, já Cabo Verde foi com o intuito de conseguir ajuda financeira para a criação da Zona Econômica Especial Marítima (ZEEM) da ilha de São Vicente, também um novo centro maternal na ilha, além de um centro nacional de congressos (CIMEIRA..., 2018).

No referido Fórum, Cabo Verde e China assinaram um Memorando de Entendimento sobre a construção conjunta do *One Belt One Road* (Um cinturão, uma rota), uma iniciativa do Presidente chinês Xi Jinping, que promoverá fortemente a cooperação

bilateral em conectividade, além do resultado considerado positivo de apoio ao multilateralismo e beneficiará Cabo Verde e outros países da África (CHINESE..., 2018).

Ainda, no campo da Ajuda Pública ao Desenvolvimento (PAD), o presidente da China, se comprometeu no âmbito do FOCAC 2018, a disponibilizar cerca de 20 milhões de dólares a Cabo Verde (CHINESE..., 2018).

4 Possíveis impactos da China em África e Cabo Verde

4.1. Impactos da China em África

Apesar de todas as vantagens referidas e detalhadas acima, nesse artigo vamos mostrar o ônus, ou seja, os impactos negativos provenientes da relação Cabo Verde-China. Pois, percebe-se que não somente há ganhos, mas a população e a economia do país acabam sendo afetadas negativamente. Então, nessa seção será apresentado um pouco desses impactos que foram constatados durante uma pesquisa de campo feita e com o auxílio de alguns autores.

É importante notar que as atividades econômicas chinesas resultaram em um aumento geral do comércio, do Investimento Direto Estrangeiro (IDE) e da ajuda em África. Em princípio, isso deve ter efeitos positivos. Uma expansão do comércio internacional com um novo parceiro como a China, poderia impulsionar as taxas de crescimento aumentando a demanda por produtos africanos (principalmente matéria-prima) (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Além disso, a diversificação dos tradicionais parceiros comerciais da África poderia reduzir a volatilidade das exportações, diminuindo assim a volatilidade da produção e, assim, impulsionando as taxas de crescimento de longo prazo. Ademais, a enorme demanda de matérias-primas da China levou a preços mais altos no mercado mundial de matérias-primas, melhorando os termos de troca dos exportadores africanos de recursos naturais. Os consumidores na África poderiam se beneficiar de importações (adicionais) de produtos manufaturados da China, permitindo-lhes reduzir suas despesas consumindo

produtos chineses de baixo custo ou aumentando a variedade de bens de consumo disponíveis para eles (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Da mesma forma, os produtores africanos poderiam aproveitar os insumos chineses de baixo custo em seus processos de produção em vez de importar bens e tecnologias de países do Norte que podem ser muito caros ou avançados. Semelhante ao comércio, o investimento estrangeiro da China também poderia ter efeitos de crescimento positivos para a África. Espera-se que aumente o estoque de capital nos países africanos, aumente os níveis de produtividade por meio de intensidades mais competitivas e associe-se a maiores receitas tributárias. Além disso, o investimento estrangeiro poderia promover transbordamentos de produtividade para as empresas africanas. Em contraste com o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) Norte-Sul, as repercussões do IDE Sul-Sul podem ser ainda maiores, uma vez que as empresas chinesas utilizam tecnologias que podem ser mais apropriadas para as empresas africanas. Finalmente, os projetos chineses de cooperação econômica estabelecem e melhoram a infraestrutura necessária na África, o que reduz os custos de transação e, portanto, aumenta as taxas de comércio e crescimento (interno e externo) (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Alguns autores afirmam que tanto a China, quanto a África, sofreram os efeitos nocivos da era colonial e que isso pode ser uma das razões do estreitamento da relação entre o país e o continente. Essa experiência compartilhada sustenta as ideias de igualdade e respeito à soberania que cada uma delas destaca em sua abordagem das relações internacionais (ANSHAN, 2007).

Embora a África tenha sido transformada pela crescente presença da China no continente, um conflito emerge com a expansão da interação, particularmente com práticas trabalhistas e estratégias de mercado, competindo interesses comerciais e nacionais, concorrência de atores ocidentais já estabelecidos no continente e alcançando um equilíbrio sustentável entre indústria e meio ambiente, a China reconheceu esses desafios e está buscando as soluções mais sustentáveis. Outra fonte de conflito surge do sucesso dos produtos chineses nos mercados africanos, que são frequentemente de melhor qualidade e mais baratos que os produtos locais. Enquanto os consumidores africanos ficam satisfeitos com os preços baixos, as indústrias domésticas paralelas (especialmente as indústrias têxteis), sofrem como resultado. Este conflito é evidenciado através de duas manifestações em massa em Dakar,

uma em apoio aos comerciantes chineses, a outra em oposição. Protestos semelhantes ocorreram na África do Sul (ANSHAN, 2007).

Em contraste com os efeitos positivos, o envolvimento da China na África também pode ter consequências negativas para o crescimento econômico. A forte demanda da China por matérias-primas emparelhadas com a alta dependência das economias africanas do setor primário (recursos) aumenta o risco de encontrar (ou aprofundar) a maldição dos recursos. Uma sobrevalorização da taxa de câmbio devido ao aumento das exportações de recursos naturais poderia afastar os produtos manufaturados. A extração e exportação de recursos naturais poderia levar à busca de renda e à corrupção. A corrupção, por outro lado, pode diminuir o nível de investimento e a produtividade do estoque de capital em uma economia. Além disso, os países africanos com alta corrupção e instituições fracas podem não ser capazes de colher plenamente os benefícios do investimento para o crescimento, uma vez que o investimento aumenta mais o crescimento em países com alta qualidade institucional. Isso é importante, pois a maioria dos países africanos já têm instituições fracas e a China com sua política de “não interferência”, não vincula o comércio e investimento para quaisquer condições de reforma (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Um aumento temporário dos níveis de proteção comercial (tarifas e barreiras comerciais não tarifárias) pode permitir aos produtores africanos manter quotas de mercado, uma opção política adequada (a longo prazo) deve basear-se num aumento dos níveis de competitividade. A este respeito, as empresas africanas estão muito aquém dos seus concorrentes chineses. Estes efeitos de deslocamento devem ser vistos em perspectiva como as empresas chinesas dominam muitos setores/categorias de produtos onde não há concorrentes africanos. Ainda assim, surge a questão de saber se a ascensão da China nos mercados mundiais pode obstruir as oportunidades de exportação para as empresas africanas em (outros) produtos intensivos em mão-de-obra, em parte pela diversificação das exportações ou pela subida da cadeia de valor. Até agora, a evidência não é tão favorável para os países africanos, como a China (e outros países asiáticos) bloquear esse segmento de mercado (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Em termos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE), muitos países em desenvolvimento se beneficiaram enormemente do IDE, especialmente da China. Os resultados insignificantes das nossas regressões relativas ao IDE da China e do resto do mundo podem apontar para um ambiente de IDE insuficiente nos países africanos, em vez de

uma demonstração de IDE que não desempenha um papel para o crescimento africano. Até o ano de 2016, a maior parte do investimento estrangeiro na África tem sido IDE em busca de recursos, com poucos vínculos com outros setores. Os governos africanos devem, assim, concentrar-se em atrair IDE de busca de eficiência (ou vertical), criando um ambiente melhor para o setor privado. Isso poderia ser alcançado proporcionando um ambiente regulatório mais simples e transparente, construindo e atualizando infraestrutura, melhorando os níveis educacionais e/ou oferecendo incentivos ao investimento, como isenções fiscais ou o estabelecimento de Zonas Econômicas Especiais que tenham funcionado em outros países em desenvolvimento, principalmente a China. Os governos africanos têm de garantir que aproveitem os efeitos potencialmente positivos do investimento estrangeiro. O investimento chinês é muitas vezes isolado do resto da economia local. Melhorar as ligações entre empresas estrangeiras e a economia doméstica é, portanto, vital para melhorar os efeitos do crescimento do investimento estrangeiro. Isso poderia melhorar os *spillovers* de tecnologia para empresas domésticas (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Semelhante ao comércio, os governos africanos devem visar setores específicos que são importantes para o desenvolvimento econômico e, em seguida, direcionar o investimento estrangeiro para esses setores. Isto poderia aumentar a capacidade produtiva e o investimento interno, impulsionar os níveis locais de emprego e promover a integração de empresas africanas na economia global. Uma política e estrutura de integração regional coerente seria muito importante aumentar os fluxos de IDE e aumentar os efeitos indiretos (BUSSE; ERDOGAN; MUHLEN, 2016).

Em particular, a África abre oportunidades de comércio e investimento para as empresas chinesas e empresas que lutam no mercado doméstico. Em outras palavras, o menor nível de desenvolvimento econômico em alguns países africanos oferece oportunidades para manter as empresas chinesas à tona. Embora a maioria das empresas chinesas ainda seja fraca demais para competir com empresas em países mais avançados, ainda assim elas têm vantagens comparativas na concorrência de mercado nos países africanos. É por isso que o governo chinês tomou muitas medidas para encorajar as empresas chinesas a "sair". O investimento direto chinês na África aumentou nos últimos anos, especialmente desde o Fórum de Cooperação China-África em 2000. E o exemplo mais recente é a decisão da China de criar um fundo de desenvolvimento China-África de US \$ 5 bilhões para incentivar as empresas chinesas a investir na África (WANG; ZOU, 2014).

4.2. Impactos da China em Cabo Verde

Cabo Verde, de acordo com um relatório desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estatísticas, até o ano de 2015, dos 511.217 habitantes, 179.909 são pobres e 54.395 estão abaixo do nível de pobreza com pessoas vivendo com apenas 49.699 escudos (aproximadamente 500 dólares no câmbio atual) (POBREZA..., 2017).

Dando continuidade, apesar da abertura do mercado cabo-verdiano para os chineses e o surgimento das diversas lojas de departamento no país ter empregado um número razoável de funcionários locais, os chineses fazem muita questão que a maioria seja do sexo feminino, trabalham num ritmo superior à média nacional, de segunda a domingo, muitas vezes em situações precárias, incluindo os feriados, sem subsídio, sem contrato de trabalho e nem inscrição no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), com folgas apenas uma vez na semana, recebendo um salário abaixo do nível de vida do país, cerca de 8.000 escudos, que atualmente subiu para 13.000, mas ainda não está sendo respeitado. Existem denúncias por parte dos sindicatos, por vezes originando manifestações. Além do horário praticado pelos chineses nas suas lojas, contrariar o horário laboral normal e legal do país, o mesmo contribui para o enfraquecimento do comércio nacional, devido a concorrência desleal, com preços muito abaixo do mercado (TAVARES, 2010).

Sem contar, que, como pode ser comprovado ao fazer uma visita a essas lojas, há falsificação de produtos de grandes marcas internacionais a serem comercializadas pelos chineses em Cabo Verde. Eles compram os produtos originais e aqueles que tiverem mais demanda e estiver a ser usado com mais frequência pela população local, os proprietários enviam os originais à China para serem feitos cópias e assim vendidas em Cabo Verde. Eles também, nessa concorrência desleal, passaram a confeccionar uniformes escolares e passaram a vendê-los num preço muito menor que nas lojas oficiais. Com tudo isso, os comerciantes locais acabam muitas vezes encerrando seus negócios e comércios, devido a baixa demanda da população, se caracterizando como mais um dos pontos negativos em relação a economia do país, pois acaba gerando desemprego. O que ainda seria um contributo para a economia do país, pois os comerciantes cabo-verdianos acabam investindo o lucro ganho no país, enquanto que os chineses a maioria do seu lucro é destinado às famílias e não só que vivem na terra natal deles, na China. No entanto, nunca a população cabo-verdiana, principalmente as mais

carenciadas, teve acesso a vestuários, materiais escolares, calçados, eletrodomésticos, etc, a um preço tão acessível, mesmo sendo de baixa qualidade e durabilidade. Já as pessoas com mais recursos acabam por optar pelas lojas mais tradicionais com produtos de melhor qualidade, mesmo num preço acima do das lojas chinesas (TAVARES, 2010).

Sem contar que os chineses têm isenção de impostos de importação, ou seja, eles importam a quantidade de produtos que quiserem e quaisquer tipos de produtos e há muita facilidade para os mesmos em abrir pontos comerciais no país (TAVARES, 2010).

Nas entrevistas que foram feitas³, percebe-se alguma insatisfação por parte de algumas funcionárias cabo-verdianas que trabalham para os chineses, como é o caso da primeira entrevistada que disse:

Me chamavam para trabalhar durante as épocas festivas, um mês ou dois, como o natal, em que as pessoas procuram mais os produtos das lojas como brinquedos e roupas, e depois me dispensavam. Não me contratavam para não me pagarem o valor do salário mínimo e seguros. Depois de algum tempo, depois de ficar nessa situação por algum tempo que me contrataram e estou aqui até hoje. A gente trabalha pela falta de opção de emprego no mercado, como eu não terminei o ensino médio, não tinha outra opção.

Já a segunda disse o seguinte ao ser questionada de como tem sido sua experiência trabalhando com os chineses:

Eu trabalho aqui tem 5 anos, e nesse tempo eu já vi muita coisa. Às vezes vêm pessoas procurando por emprego, mas eles não gostam de homens, as mulheres têm que ser "bonitas", magras e não de baixa estatura, também pessoas com pele muito escura, eles não gostam. Já vi funcionário que brigou com o chefe e foi embora, porque eles não aceitam pessoas que cobram muito deles, como por exemplo, folgas, se for da vontade deles as lojas funcionariam 24 horas por dia. Mas, a gente fica aqui até aparecer algum emprego melhor.

A terceira e última funcionária, ao ser indagada sobre a questão do salário, disse:

A minha experiência trabalhando com os chineses nesses 10 anos, nem sempre foi muito boa. Como sou mais experiente, os conheço bem e por vezes bato de frente com eles pelos meus direitos. Em relação ao meu atual chefe, a única coisa que tenho a reclamar é sobre o salário mínimo. Eles têm de nos pagar 13.000 escudos, porém nenhum deles cumpre esse valor, se o outro não paga esse valor aos seus funcionários, ou seja, eles ficam esperando uns pelos outros e vão nos enrolando. Do resto, eu não tenho muito a reclamar atualmente, mas já tive muita briga com eles.

³ Realizadas pela autora, com tradução livre para o português, visto que as entrevistadas optaram por falar em crioulo (dialeto cabo-verdiano) para se sentirem mais à vontade e em anonimato.

Há a garantia de que os Direitos Humanos é sim defendido pelo Estado de Cabo Verde e ele assegura os mesmos à população, porém a realidade atual é um pouco diferente, principalmente na questão dos Direitos Trabalhistas. O que se pode perceber também ao analisar os depoimentos acima mencionados, é que a falta de opção de emprego, acaba por muitas vezes deixar essas pessoas em situação de vulnerabilidade e acabam por aceitar trabalhar com os chineses sob situações não muito agradáveis.

Portanto, pode-se dizer que o problema não está concentrado só na violação dos direitos por parte dos chineses, mas também isso consta como um problema do Governo, a falta de oportunidades de emprego no país é muito alta e a taxa de desemprego tem aumentado cada vez mais ao longo dos anos.

A seguir, será apresentada a entrevista concedida pelo assessor jurídico da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania em Cabo Verde, que fez uma breve análise da situação dos Direitos Humanos no país:

Bom, a situação dos Direitos Humanos em Cabo Verde atualmente, de uma forma geral, é bastante satisfatória, apesar de haver ainda muito trabalho a ser feito no sentido de fazer os mesmos se cumprirem. Mas, ainda temos grande problema com relação à saúde, no sentido do atendimento nos bancos de urgência, há mais escolas em localidades mais rurais, a questão da habitação também ainda é algo muito delicado, há pessoas a viverem em situações habitacionais precárias, com construções em terrenos ilegais, (...) já em relação à questão que me puseste, aqui na Comissão não temos recebido nenhuma denúncia por parte de cabo-verdianos insatisfeitos em relação aos chineses, mas isso não quer dizer que não exista, o que seria uma forma de fazer essas reclamações chegarem até nós, é a criação de uma linha de denúncia, com chamadas gratuitas, em que as pessoas podem fazer suas queixas de forma anônima, e nós estamos totalmente abertos, caso alguma pessoa precise da nossa ajuda, pois o nosso papel é fazer cumprir os Direitos Básicos dos cabo-verdianos como cidadãos dignos. Aproveito para agradecer a oportunidade e parabenizá-la pela pesquisa e pelo trabalho e que com certeza o país vá ganhar com o seu contributo.

Já em relação à fiscalização das lojas chinesas e dos produtos por eles comercializados, conversou-se com o presidente da Inspeção Geral das Atividades Económicas de Cabo Verde (IGAE), que falou de como tem sido o trabalho do órgão nesse sentido:

(...) as lojas chinesas e os produtos por eles comercializados, tem sido um dos maiores desafios para nós. Temos feito constantemente visitas aos locais e fazendo fiscalizações periódicas, temos feito muita apreensão de mercadorias também, porém, ainda assim há muito o que fazer, pois a desvantagem não só cai em cima das pessoas que utilizam os seus produtos, mas também aos comerciantes nacionais que acabam por perder fregueses. (...) O nosso trabalho continua, continuaremos a fazer essas fiscalizações, e pessoas com a tua mesma iniciativa ajudaria muito nessa questão.

Por último, o Inspector Geral do Trabalho em Cabo Verde, na sua pessoa, falou que o maior problema que tem enfrentado em relação aos chineses é em relação ao cumprimento do valor do salário mínimo que foi aumentado de 8.000 para 13.000 escudos, destacou ainda que tem sido feito também inspeções periódicas às lojas e dado assistência aos chineses em relação ao entendimento da legislação de Cabo Verde.⁴

4 Conclusão

Após todo o estudo, ao analisar a Política Externa de Cabo Verde, nota-se que o país tem necessidade de parceiros e apoios internacionais, devido à sua insularidade e a escassez de recursos naturais. Assim como, um país também precisa de aliados para um melhor desenvolvimento e relação com a Comunidade Internacional. Nesse sentido, a relação do país com a China se torna importante numa certa medida e tem ganhado cada vez mais destaque na Política Externa cabo-verdiana. Percebe-se uma certa ambiguidade referente à análise da relação Cabo Verde-China, como pode ser constatado no decorrer do artigo, isto é, apesar de todas as vantagens que a África e Cabo Verde, especificamente, acabam usufruindo a partir das diversas cooperações com o país asiático, ainda assim há todas essas violações e desvantagens que os mesmos acabam sofrendo. Não se pode negar que a China tem sido um parceiro muito importante para Cabo Verde, economicamente, com relação à infraestrutura do país, ao financiamento de projetos, o acesso da população mais carente a produtos antes inalcançáveis por eles a um preço acessível, por exemplo, consta como uma das vantagens, porém, a baixa qualidade e durabilidade dos mesmos acaba por ser um ponto negativo.

Basta entrar numa loja chinesa, que pode-se verificar vários produtos de grandes marcas falsificadas, como Puma, Adidas, Havaianas, Jordan, etc. Apesar de já haver inspeções periódicas por parte dos órgãos responsáveis pelos mesmos, há que intensificar-se essas atividades, pois não são somente roupas e sapatos que são vendidos, mas também produtos alimentícios, que são vendidos a um preço um pouco menor que o do mercado e a população mais carente acaba por consumir por falta de opção mesmo.

Sendo assim, essa relação afeta os direitos trabalhistas, pela falta de cumprimento de alguns deveres por parte dos chineses, como o salário mínimo, afeta a saúde da população pelo consumo dos produtos alimentícios vendidos por eles, pois há casos em que até que são

⁴ Todas as entrevistas foram realizadas pela autora do presente artigo.

vendidos por eles são de baixa qualidade, pela facilidade que os chineses têm de abrir pontos comerciais e importar. Para os cabo-verdianos não acontece com tanta frequência e facilidade, pois para um cidadão de Cabo Verde abrir um ponto comercial, exige-se muita documentação.

No caso das instalações comerciais dos chineses em Cabo Verde, ocorrem violações do direito de igualdade social em relação à discriminação por parte dos mesmos na escolha de seus funcionários, fazendo preferência à cor da pele, estatura e peso corporal, violando o direito da igualdade perante a lei e afetando o respeito pela dignidade da pessoa humana prevista na Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, C. Cabo Verde é a aposta da China para a África. **Jornal Tribuna de Macau**, Macau, 20 mar. 2018. Disponível em:

<<https://jtm.com.mo/local/cabo-verde-e-aposta-da-china-para-africa/>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

CHINA perdoa dívida e doa dinheiro a cabo verde. *Economia ao Minuto*, Lisboa, 10 out. 2016. Disponível em:

<<https://www.noticiasao minuto.com/economia/667448/china-perdoa-divida-e-doa-dinheiro-a-cabo-verde>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

CHINESE vice premier meets Cape Verde PM. In: FORUM on China - Africa Cooperation.

2018. Disponível em: <https://www.focac.org/eng/zfgx_4/zzjw/t1593054.htm>. Acesso em: 9 set. 2018.

BUSSE, M.; ERDOGAN, C.; MUHLEN, H. China's Impact on Africa: the Role of Trade, FDI and Aid. **Kyklos**, Basel, v. 69, n. 2, p. 228-262, maio 2016.

CABO VERDE pede empréstimo de quase treze milhões de dólares à China. **A Semana**, [Praia], 10 mai. 2009. Disponível em:

<<https://www.asemana.publ.cv/?Cabo-Verde-pede-emprestimo-de-quase-treze-milhoes-de-dolares-a-China&ak=1>>. Acesso em: 14 jul. 2018

COMISSÃO nacional para os direitos humanos e cidadania. Praia, 2017. Comissão que tem por função a protecção, promoção e reforço dos Direitos Humanos, da Cidadania e do Direito Internacional Humanitário em Cabo Verde. Disponível em: <<http://www.cndhc.org/>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

COMISSÃO NACIONAL PARA OS DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA. **II Plano de ação para os Direitos Humanos e a Cidadania (2017 - 2022)**. Praia: Tipografia Santos, 2018.

CIMEIRA China-África dominada pelo financiamento: Cabo Verde com expectativas para zeem de São Vicente. **A Semana**, [Praia], 3 set. 2018. Disponível em:

<<https://www.asemana.publ.cv/?Cimeira-China-Angola-Mocambique&ak=1>>. Acesso em: 7 set. 2018.

CORKIN, L. J., China's rising soft power: the role of rhetoric in constructing china-africa relations. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, DF, v. 57, n. esp., p. 49-72, 2014.

DELGADO, J. P.; VARELA, O. B.; COSTA, S. **As relações externas de Cabo Verde**. Praia: Edições ISCJS, 2014.

DELGADO, J. P.; DELGADO, L. T et al. **Textos de Direitos Fundamentais e Direito Internacional da Protecção da pessoa humana**. Praia: Edições ISCJS, 2014.

DADOS gerais. In: Cabo Verde. **Governo de Cabo Verde**. 2007. Disponível em: <<http://www.governo.cv/index.php/dados-gerais>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

DÉFICE da balança comercial de Cabo Verde aumenta quase 20%. **África 21 Digital**, [s.l.] 1 fev. 2018. Disponível em: <<https://africa21digital.com/2018/02/01/defice-da-balanca-comercial-de-cabo-verde-aumenta-quase-20/>>. Acesso em: 27 de julho de 2018.

FERREIRA P. M. Cooperação Sul-Sul: a China em África. **Janus**, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://www.janusonline.pt/arquivo/popups2010/2010_3_4_11.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

FREEDOM house: Cabo Verde é o país mais democrático de África. **A Nação**, [Praia] 12 dez. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/12/12/freedom-house-cabo-verde-pais-democratico-africa/>>. Acesso em: 13 de março de 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Cabo Verde). **Estatísticas por tema**. Praia, 2016. Disponível em: <<http://ine.cv/>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

LI ANSHAN. China and Africa: Policy and Challenges. **China Security**, [s.l.], v. 3, n. 3, pp. 69-93, Summer 2007.

MENEZES, G. **As novas relações sino africanas-desenvolvimento e implicações para o Brasil**. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013. Disponível em: <<http://funag.gov.br/loja/download/1076-novas-relacoes-sino-africanas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MADEIRA J. P.. **O Dragão abraça África: Relações Cabo Verde-China**. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais. v. 6, n.12, p. 132-151, dez. 2017.

OBRAS de remodelação do palácio presidencial testemunham a excelência das relações China/Cabo Verde – PR. **A Nação**, [Praia], 17 abr. 2016. Disponível em: <<http://anacao.cv/2016/04/17/obras-de-remodelacao-do-palacio-presidencial-testemunham-a-excelencia-das-relacoes-chinacabo-verde-pr/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

O MAIOR desafio da cooperação entre a China e Cabo Verde é a diversificação: embaixador chinês. **Expresso das ilhas**, Praia, 15 fev. 2015. Disponível em: <<https://expressodasilhas.cv/economia/2015/02/15/o-maior-desafio-da-cooperacao-entre-a-china-e-cabo-verde-e-a-diversificacao-embaixador-chines/43997>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

POBREZA extrema em Cabo Verde: cada pobre do mundo rural vive apenas com 49 mil escudos por ano. **A Nação**, [Praia], 24 nov. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/11/24/limiar-da-pobreza-extrema-pobre-do-mundo-rural-vive-apenas-49-mil-escudos-ano/>>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

RAMOS, P. Cape Verde: a blueprint for china's positive role in africa. **The Diplomat**, [s.l.] 28 oct. 2016. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2016/10/cape-verde-a-blueprint-for-chinas-positive-role-in-africa/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

RELAÇÕES China/Cabo Verde: o ramo de rosas e o cheiro das flores. **A Semana**, [Praia], 2016. Disponível em: <
<http://www.asemana.publ.cv/?Relacoes-China-Cabo-Verde-O-ramo-de-rosas-e-o-cheiro-das-flores>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

RIBEIRO, V. A expansão chinesa na África: o desafio do crescimento e a nova face do imperialismo. **Oikos**, Rio de Janeiro, V. 9, n. 2, p. 13-35, 2010.

TAVARES, P. B. **Relações Cabo Verde-China: balanço dos trinta e dois anos de cooperação**. 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

WANG, J.; ZOU, J. China goes to Africa: a strategic move? **Journal of Contemporary China**, [s.l.], vol. 23, n. 90, p. 1113-1132, 2014.

WANG, F.; ELLIOT A. E. China in Africa: presence, perceptions and prospects. **Journal of Contemporary China**, [s.l.], v. 23, n. 90, p. 1012-1032, 2014.